

***ATELIÊ DE ANTROPOLOGIA VIVA: UM ENTRELUGAR NA EXTENSÃO
UNIVERSITÁRIA DA UNILAB***

***LIVING ANTHROPOLOGY WORKSHOP:
AN IN-BETWEEN SPACE IN UNILAB'S UNIVERSITY EXTENSION PROGRAM***

Carla Susana Alem Abrantes

Professora Associada da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira
(Unilab), Redenção – Ceará – Brasil

sabrantes@unilab.edu.br

<http://lattes.cnpq.br/9537992151602658>

RESUMO

Este relato de experiência apresenta o projeto de extensão Ateliê de Antropologia Viva realizado a partir da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) em Acarape-CE, entre 2023 e 2024. Concebido como um "entrelugar" de aprendizado antropológico não formal, o *Ateliê* procurou trazer a integração dos indivíduos à vida social levando em conta não apenas os aspectos cognitivos, mas também os afetivos e volitivos. As leituras de etnografias, a criação de roteiros e performances inspiradas nos trabalhos de Victor Turner (1982) foram centrais para se buscar organizar uma "teia social performatizável". Nesse sentido, o projeto buscou estimular a expressão de saberes tradicionais e a criação artística coletiva, promovendo a compreensão de "si" por meio da relação com o "outro". A predominância de quarenta e quatro estudantes guineenses como público-alvo dessa edição transformou o *Ateliê* em um posto inovador de colaboração e contestação, com dinâmicas culturalmente ressonantes. Os resultados evidenciam a relevância desse espaço formativo e intercultural, no qual dança, música e gestos se tornaram veículos para a emergência de novos signos de identidade e de integração acadêmica. Apesar de desafios como o engajamento inicial com leituras acadêmicas, o *Ateliê* transformou-se em um espaço vital de expressão, reafirmando o papel da extensão na Unilab em seu processo dialógico, descolonizador e internacionalizado, que valoriza saberes comunitários e contribui para uma formação discente engajada e plural.

Palavras-chave: Antropologia. Interculturalidade. Cooperação Internacional. Extensão Universitária. Artes.

ABSTRACT

This experience report presents the "*Ateliê de Antropologia Viva*" (Living Anthropology Workshop) extension project, carried out at the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB), in Acarape-CE, between 2023 and 2024. Conceived as an in-between space, (or third space) for non-formal anthropological learning, the *Ateliê* sought to integrate individuals into social life through cognitive, affective, and volitional dimensions. The proposal integrated readings of ethnographies, script creation, and performances inspired by Victor Turner (1982), organized around "a performative social network". The project aimed to stimulate the expression of traditional knowledge and collective artistic creation, fostering self-understanding through the relationship with the "other". The predominance of 44 Guinean students among the participants transformed the *Ateliê* into an innovative site of collaboration and contestation. This dynamic required methodological adjustments to meet participants' needs, such as incorporating Guinean-based activities and musical resources. The results highlight the project's relevance as a formative and intercultural space. In this context, dance, music, and gestures became means through which new signs of identity and academic integration could emerge. Despite challenges like initial student engagement with academic readings, the *Ateliê* solidified as a vital space for expression and dialogue. Thus, the role of extension at UNILAB is reaffirmed as a dialogical, decolonizing, and internationalized process. It values community knowledge and contributes to engaged and plural student formation.

Keywords: Anthropology. Interculturality. University Extension. International Cooperation.

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiências aborda o projeto de extensão *Ateliê de Antropologia Viva*, uma iniciativa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), situada em Acarape-CE. O projeto é um desdobramento do *Projeto Teia: diferença, vida criativa e comunidade*, que foi desenvolvido em 2019 em colaboração entre o Instituto de Humanidades e o Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (e coordenado pelas profas. Carla Susana Alem Abrantes e Andrea Yumi Kanicada), com apoio da Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura (PROEX). Após o período da pandemia, emergiu uma nova concepção para o *Ateliê*, fruto da necessidade de criar espaços que conectassem o saber universitário aos saberes comunitários, promovendo a apreensão de significados e a inserção dos jovens na vida social.

Uma das experiências que impulsionou a criação do *Ateliê* foi o experimento ritual de 2019 denominado *Tempo, Tempo*: um trabalho final proposto por um grupo de estudantes na disciplina *Território e Poder*, do Bacharelado em Humanidades, conduzida pela profa. Carla Susana Alem Abrantes, a partir de um diálogo com o antropólogo Jack Goody (2008). Com o estímulo da docente, o espetáculo foi apresentado na Semana Universitária da Unilab naquele ano, recebendo elogios significativos quanto às possibilidades de encontrar linguagens singulares para tratar de temas antropológicos mais amplos. A partir desses resultados positivos, o *Ateliê* foi idealizado como um espaço de criação em torno de um conhecimento antropológico vivo, estruturado por metodologias construídas nos encontros. Destaca-se ainda que a formação da docente em Arte-Terapia (2022-2024), pelo Instituto Aquilae (Fortaleza), forneceu recursos importantes para a organização intersubjetiva dos participantes, fortalecendo o caráter extensionista do projeto.

A proposta do *Ateliê* insere-se no debate decolonial e pós-colonial, buscando epistemologias que integrem e valorizem grupos subalternizados ou excluídos dos espaços de conhecimento. O projeto propôs deslocar a Antropologia em direção a formas de expressão e de comunicação humana capazes de produzir conhecimento inclusivo e promover a igualdade epistêmica.

Como projeto de extensão, o *Ateliê* se dedica à troca e à divulgação de saberes que estimulem a formulação de novas perguntas e a interação com as comunidades vinculadas à universidade, dando continuidade ao antigo Projeto Teia, mas apresentando um forte marcador

artístico para a edição. Buscava-se organizar um espaço para que processos colaborativos de expressão artística e reflexão sobre si e o outro fossem possíveis a partir de performances, permitindo uma análise das individualidades criativas e, sobretudo, dos cenários culturais e das estruturas desiguais da sociedade em que os participantes interagem. O projeto buscou ampliar o conhecimento formal adquirido em sala de aula — especialmente na Antropologia — para promover uma redescoberta da disciplina que envolvesse as intersubjetividades presentes na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), assim como das sociedades brasileiras marcadas por diferenciação cultural territorial, como povos indígenas, comunidades quilombolas, dentre outros.

A Unilab, enquanto universidade internacional focada na integração entre o Brasil e os países da lusofonia afro-brasileira, ofereceu um contexto privilegiado para essa proposta. O projeto buscou ferramentas para o exercício da interculturalidade e para a apreensão de saberes historicamente silenciados e excluídos das tradições acadêmicas ocidentais. As performances, organizadas a partir de rituais coletivos, abriram caminho para o pensamento crítico, para a valorização de processos tradicionais e para a vivência de dimensões humanas nem sempre acessíveis por meio de textos. Esperava-se que a reflexão sobre essas experiências reverberasse em melhorias na qualidade de vida universitária e nas comunidades de origem dos participantes.

Este relato de experiências pretende fazer uma apresentação do projeto *Ateliê de Antropologia Viva*. Para tanto, as seções subsequentes deste texto desenvolverão, primeiramente, o arcabouço teórico que norteou o *Ateliê*, aprofundando-se em conceitos como a performatividade da diferença, a interculturalidade e o entre-lugar ou "terceiro espaço" da enunciação de Homi Bhabha (1993). Em seguida, apresenta-se um relato detalhado dos procedimentos metodológicos e das atividades artísticas implementadas. Em seguida, encontram-se os resultados alcançados, discutindo o impacto do projeto nas identidades e na integração acadêmica dos participantes, bem como os desafios encontrados. Por fim, oferece reflexões conclusivas sobre a *Antropologia Viva* para a transformação do ensino superior e o fomento da mudança social decolonial.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os diálogos entre a Antropologia e a experiência vivida por docentes e discentes, embora ainda raros, são cruciais em contextos em que as novas epistemologias e a noção de "lugar de fala" começam a se incorporar na vida acadêmica (Spivak, 2010). As vivências na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira (UNILAB), uma universidade marcada por encontros interculturais e intersubjetivos, favorecem a criação de espaços de expressão e troca que vão além das linguagens escrita e oral convencionais.

O *Ateliê de Antropologia Viva* foi concebido como um espaço para a aprendizagem experiencial da Antropologia por meio da expressão artística. Buscava-se uma reflexão sobre a vida social não simplesmente por meio dos aspectos cognitivos, mas também afetivos e volitivos da experiência humana. Essa abordagem se baseia na ideia de que o conhecimento sobre "si" é profundamente moldado pelo encontro com o "outro". A própria prática docente da coordenadora favorece essa abertura para uma ampliação da perspectiva sobre o ser humano, na medida em que é constantemente impulsionada pela autorreflexão (Abrantes, 2023). Esse olhar permite que o projeto se envolva com um olhar crítico para as relações de poder e aplique a Antropologia como uma linguagem de mediação intercultural, particularmente para estudantes de países da CPLP e de grupos culturalmente diferenciados no Brasil.

Da perspectiva dos estudantes, ocorre um processo de autodescoberta. Muitos, especialmente os guineenses, ao chegarem à Unilab, percebem que sua compreensão de seus próprios países é limitada, levando a uma profunda "descoberta" e "reconhecimento" de suas identidades nacionais e étnicas em um contexto mais amplo. Essa vivência se amplia com o entendimento do ser negro no encontro com a sociedade brasileira e o racismo estrutural. Assim, o projeto estimula os participantes a construir seu pensar e agir para a comunidade utilizando elementos vivos de sua experiência, promovendo um conhecimento situado e experiencial.

Nesse sentido, as expressões rituais constituíram um caminho teórico primordial para este projeto, oferecendo um espaço com opções metodológicas que pudessem favorecer a possibilidade de expressão de ludicidade e, ao mesmo tempo, integrando relatos de vida e questões cotidianas dos participantes¹. A noção de "dramas sociais" de Victor Turner (Turner, 1957) é fundamental, pois permite desvendar normas culturais e as forças que impulsionam rupturas ou reparações no fluxo da vida social. Turner via a performance como uma noção

interdisciplinar, capaz de evidenciar o que escapa às classificações e paradigmas da ordem, situando-a em momentos de interrupção do que já está organizado, como um "metateatro" que expressa contradições e tensões sociais. Os símbolos, para Turner, possuem propriedades de condensação, unificação de referentes díspares e polarização de significado, sendo polissêmicos. Da mesma forma, Richard Schechner contribui com o conceito de "comportamento restaurado": uma sequência de comportamentos que podem ser rearranjados ou reconstruídos, independentemente dos sistemas causais que os originaram. Essas ações restauradas são vistas como comportamentos vivos, podendo ser aprimorados, guardados, resgatados, transmutados em outros, transmitidos e transformados (Schechner, 1995, 2003).

Por outro lado, o projeto primou pela superação de epistemologias eurocêntricas. O *Ateliê de Antropologia Viva* buscou transformar a Antropologia, proveniente de um escopo tradicional europeu, para um modo de expressão e de intercomunicação humana, valorizando saberes e cosmologias tradicionais e orais (Abipinté, 2010; Abrantes; Gomes, 2025; Calado, 2023, 2024; Infan, 2024). Essa ideia nasceu do diálogo com diferentes orientandos, orientandas e docentes, em continuidade com o projeto anterior, o "Projeto Teia", que havia abordado as identidades africanas e seus elementos simbólicos – étnicos, raciais, religiosos e tradicionais – inserindo-os em uma transversalidade para se tornarem presenças vivas. A realidade do encontro com a diversidade linguística e cultural dos estudantes — incluindo indígenas e quilombolas — revela que a "mediação intercultural" é necessária para superar barreiras de comunicação e a tendência de círculos fechados entre pares de referência.

Esta mediação é possível com segurança e ética, a partir da pesquisa prévia da docente coordenadora do projeto sobre o colonialismo português (Abrantes, 2022), que evidenciou como categorias e práticas coloniais na formação de administradores e outros agentes enviados aos territórios estrangeiros criaram continuidades de dominação, mesmo quando buscaram novas terminologias para a sua ação. Conhecer os mecanismos de domínio, abre possibilidades para construir espaços de integração e interconexão a partir das vivências dos participantes e de tomadas de decisão que partem de necessidades de cada grupo, descolonizando, assim, a história "escrita de fora".

Embora a Unilab acolha estudantes em mobilidade transnacional, o cerne das questões do *Ateliê* não se limitou à migração ou às trajetórias individuais. O foco esteve nas relações de poder

e nos recursos que a Antropologia oferece para a mediação. No contexto da Unilab, a "ideia de Estado" e as "fronteiras étnicas" são constantemente negociadas na prática, revelando que a formação da nação (e das nações que constituem o espaço universitário internacional) é um processo contínuo e muitas vezes inacabado, permeado por legados coloniais (Abrantes, 2023). Sendo a Unilab uma “universidade de encontros interculturais e intersubjetivos”, torna-se relevante refletir sobre os processos de construção identitária promovidos por agenciamentos ligados à autonomia, liberdade e à formação de fronteiras étnicas e nacionais a partir de referenciais do conhecimento. A Antropologia, nesse sentido, fornece ferramentas para compreender interconexões complexas e dinâmicas sociais, indo além de categorizações rígidas para abordar as “relações de poder em processo” (Spivak, 1988; Stoler, 2009).

Em outro artigo (Abrantes, 2023), a coordenadora do projeto havia destacado que as experiências profundamente enraizadas dos estudantes, como as ligadas a "ordens do transcendente", à vida comunitária e rural, e a práticas rituais, são centrais para suas identidades. Entretanto, correm o risco de serem rotuladas como "não civilizadas" ou excluídas dos modelos acadêmicos dominantes. Nesse sentido, o *Ateliê* é uma resposta prática a esses questionamentos, constituindo-se em um ambiente de aprendizagem por meio da expressão artística. Estabelece-se, assim, um diálogo com a crítica de Rudolf Steiner (1998, 2004) a uma educação puramente intelectual e abstrata, descrita por ele como um "esqueleto nu da realidade" e "alheia à vida". Steiner argumenta que tal abordagem falha em engajar o ser humano por completo, transformando o conhecimento em algo estéril e distante da realidade.

Ao se buscar articular as "dimensões cognitivas, afetivas e volitivas", o *Ateliê* alinha-se à visão de que a verdadeira compreensão da Antropologia requer a valorização de "saberes e cosmologias tradicionais e orais", promovendo uma abordagem mais "viva" e completa do conhecimento. Para esse autor, a educação genuína deve nascer de um "amor pela humanidade" e de uma "compreensão do ser humano" em sua totalidade, reconhecendo cada indivíduo como uma manifestação do "mundo espiritual manifestado na terra". Essa perspectiva oferece uma ferramenta para confrontar a "afasia colonial" descrita por Abrantes (2023) a partir das ideias de Stoler (2009, 2011), que silencia narrativas não alinhadas a paradigmas ocidentais. Ao incentivar o uso dos recursos artísticos o *Ateliê* abraça a ideia de Steiner de que a compreensão profunda do ser humano exige uma "visão interior do mundo". Essa abordagem transcende a mera aquisição

de "informações prontas", cultivando uma "visão aguçada" da realidade e promovendo um diálogo acadêmico mais empático e inclusivo, que reconhece as "experiências vividas" e as diversas cosmologias como elementos constitutivos do saber. A arte não se traduz em uma "ideologia" ou algo imposto, mas em uma expressão autêntica e livre dos participantes. O aprendizado da Antropologia passa a ir além da produção de conhecimento ocidentalizada puramente científica, valorizando o conhecimento tradicional e ancestral a partir de endogeneidade (Abipinté, 2019; Gomes; Abrantes, 2025; Infan, 2024; Sanhá, 2024, 2023).

Para tanto, precisou aprofundar entendimentos sobre o conceito de experiência, que para Jorge Larrosa Bondía (2004) é sobre "o que nos acontece", "o que nos atravessa" ou "o que nos toca". Ela não é definida por nossa atividade, mas por nossa passividade, receptividade, disponibilidade e abertura, tornando o sujeito da experiência um "território de passagem" ou "lugar de chegada", onde os eventos "acontecem" e "deixam marcas". É por meio desse engajamento ativo, porém receptivo, com o que "nos acontece" que o conhecimento é profundamente integrado e a agência transformadora é fomentada.

A partir do que foi proposto até aqui, chega-se ao conceito de interculturalidade, que está profundamente entrelaçado à ideia de um encontro profundo, que exige abertura, vulnerabilidade e um ato comprometido de escuta, particularmente no contexto de espaços universitários como a Unilab. Esse encontro é crucial para fomentar o diálogo e a compreensão em meio a um cenário complexo de origens, histórias e, em alguns casos, a desafiadora realidade de chegada ao Brasil. A interculturalidade é aqui apresentada não apenas como um fenômeno de mistura cultural, mas como um processo ativo e intencional de diálogo e mediação entre indivíduos e grupos de diferentes origens étnicas, culturais, religiosas e linguísticas. Essa postura filosófica subjacente à experiência apoia diretamente o apelo à abertura nos encontros interculturais.

Engajar-se em um diálogo intercultural significa expor-se a diferentes realidades e compreensões, o que pode ser desconfortável ou desafiador. Exige ir além de expectativas e estereótipos predefinidos, promovendo genuína "compreensão e respeito mútuo". Isso pode significar confrontar os próprios preconceitos e legados históricos.

A chegada de estudantes dos Países Africanos de Língua Portuguesa (PALOP) às universidades brasileiras, em particular à Unilab, é enquadrada como um fenômeno significativo, às vezes implicitamente chamado de "nova diáspora negra". Esse movimento traz consigo

possibilidades e desafios: Esses estudantes compartilham um passado colonial comum com o Brasil sob domínio português, e essa história compartilhada é um terreno potente, embora muitas vezes desconfortável, para encontros e reflexões. Apesar dos laços linguísticos e históricos compartilhados, os estudantes africanos frequentemente enfrentam desafios semelhantes aos vivenciados por grupos marginalizados internos (comunidades indígenas e quilombolas) no Brasil. Eles encontram "outridade", preconceito linguístico e discriminação no ambiente universitário e na sociedade em geral. A universidade, apesar de sua missão de internacionalização e inclusão, frequentemente reflete as desigualdades sociais e os legados coloniais mais amplos. O próprio currículo é criticado por permanecer "eurocêntrico" e não valorizar suficientemente o conhecimento trazido por populações estudantis diversas.

Neste ambiente complexo, a identidade nacional dos estudantes frequentemente se torna um meio primário de autorreconhecimento e uma fonte de pertencimento: Estudantes dos PALOP se identificam principalmente por sua nacionalidade ao chegar ao Brasil. Em uma terra estrangeira, os estudantes tendem a gravitar em direção àqueles de seu próprio país ou região, encontrando conforto e compreensão em realidades, línguas e nuances culturais compartilhadas. Por exemplo, estudantes guineenses frequentemente se unem e encontram unidade em sua experiência de "diáspora", deixando de lado as divisões étnicas internas. Embora o português seja a língua oficial, dialetos, sotaques e expressões locais podem criar barreiras até mesmo entre falantes de português. O crioulo compartilhado entre os guineenses, por exemplo, fortalece seus laços internos.

Participar desse diálogo intercultural implica expor-se a realidades e entendimentos distintos, o que pode ser desconfortável. Requer ir além de estereótipos, buscando "compreensão e respeito mútuos", e por vezes, confrontar vieses e legados históricos. A escuta atenta à "voz dos estudantes" (Abrantes, Moreira e Oliveira, 2024) é reiteradamente enfatizada como uma técnica de mediação fundamental para compreender suas vivências, percepções da diferença e desafios.

O projeto possui, assim, profunda inspiração nos trabalhos do intelectual indiano Homi K. Bhabha (1993) com sua perspectiva complexa sobre a pedagogia da nação e as formas de resistência a ela, especialmente no contexto pós-colonial. Seus conceitos centrais desconstróem noções fixas de identidade e cultura, propondo um entendimento mais fluido e ambivalente da formação nacional e da emergência de novas subjetividades. Segundo Bhabha (1993), a nação é

construída por meio de um discurso que busca criar uma imagem coerente e unitária de um "povo". A pedagogia da nação refere-se ao processo pelo qual essa narrativa é ensinada, internalizada e reproduzida, moldando a identidade nacional dos indivíduos. Trata-se do esforço de educar o povo na história e na tradição nacional, buscando unidade e homogeneidade. Esse aspecto se manifesta em discursos pedagógicos e narrativas nacionais continuístas que tentam construir um passado nacional "verdadeiro", frequentemente recorrendo ao realismo e a estereótipos.

Por outro lado, em uma proposta radicalmente distinta, a performance apresenta uma dimensão instável, repetitiva e "incalculável" da nação (Bhabha, 2023). Trata-se do aspecto da cultura que "não tem unidade ou fixidez primordial" e que se manifesta nas experiências cotidianas e nas identidades "constantemente renovadas" e negociadas. O performativo subverte a homogeneidade do pedagógico, revelando as fraturas e a ambivalência inerentes à identidade nacional. É nesse espaço de "instabilidade oculta" que reside a verdadeira força do "povo" e sua capacidade de transformação.

A tensão entre esses dois aspectos – o pedagógico e o performativo – é crucial para Homi Bhabha. É nessa "cisão" que a ambivalência conceitual da sociedade moderna se torna o lugar da escrita da nação e onde a identidade cultural é "mantida à beira da perda de identidade" ou de uma "profunda indecidibilidade cultural". A resistência, para Bhabha, não é uma oposição binária simples, mas emerge do hibridismo e da ambivalência presentes no próprio discurso colonial e nacionalista. Ela ocorre nos "entrelugares" (*in-between spaces*), onde novas identidades e formas de agência são elaboradas. Em síntese, a pedagogia da nação mostra que esta não é uma entidade monolítica, mas um espaço de disputa e negociação. A resistência a essa pedagogia se dá pela desestabilização de suas narrativas homogêneas, por meio do hibridismo, da ambivalência, da performatividade e da valorização de vozes e experiências minoritárias e subalternas, criando novos "loais de cultura" e novas formas de agência.

A força das ideias de Homi Bhabha é fundamental para conceituar o ambiente dinâmico do *Ateliê de Antropologia Viva*, justificando plenamente sua nomeação no subtítulo deste relato de experiências. Bhabha enfatiza o "terceiro espaço de enunciação" como o lugar onde o significado cultural é negociado e novas estratégias emergem. Esse espaço é caracterizado pela ambivalência e pela hibridez, onde o "entre" carrega o peso do significado cultural, conduzindo a

"histórias antinacionalistas do povo". Ao promover o "intercâmbio intercultural entre nações" e conectar experiências diversas, o projeto incorpora esse espaço híbrido em que as identidades não são fixas, mas constantemente renegociadas.

Assim, o *Ateliê* desafia diretamente a ideia de uma identidade fixa e preestabelecida, promovendo um espaço para a "gênese de possibilidades" e afirmando o "devir" em vez de algo apenas "estabelecido e conhecido". Distancia-se conscientemente do conteúdo acadêmico rígido, adotando, em vez disso, abordagens vivas e experienciais. Isso se alinha à visão de Bhabha de que contranarrativas "evocam e apagam fronteiras totalizantes" da nação, desestabilizando identidades essencialistas. A ênfase do projeto em epistemologias africanas oferece um contraponto às estruturas acadêmicas ocidentalizadas, que frequentemente privilegiam visões alheias aos processos locais e endógenos.

Bhabha entende a performance não como mera representação, mas como processo ativo que desloca e transforma significados. O projeto enfatiza que a "expressão em público" e os "momentos de reflexão" foram fundamentais para seu êxito, permitindo que as participantes se tornassem "protagonistas". Isso se conecta diretamente à ideia de Bhabha de possibilitar o "retorno do sujeito como agente" por meio de atos performáticos. A dança e a música no *Ateliê* viabilizam um "discurso compartilhado" e valorizam práticas frequentemente desconhecidas por quem está fora da cultura.

O trabalho de Bhabha oferece uma estrutura para compreender como vozes marginalizadas, frequentemente silenciadas por narrativas dominantes, podem emergir e afirmar sua presença. Isso desafia diretamente a "afasia colonial" e a dependência epistemológica externa, ressaltando a importância dos saberes locais e da "reexistência". A inclusão de narrativas pessoais e histórias familiares, como observado na experiência de "retorno ao lar" dos participantes, dialoga com a análise de Bhabha sobre subjetividades em contextos históricos amplos.

No livro, *A Localização da Cultura*, Bhabha enfatiza que a cultura habita esses espaços fluidos, muitas vezes inquietantes, "intermediários", onde o privado e o público, o lar e o mundo se entrelaçam. Reconhece-se aqui a complexidade de transitar entre diferentes compreensões culturais e nuances linguísticas, como o desafio enfrentado por estudantes guineenses ao se comunicarem em português, refletindo o conceito de Bhabha de "intraduzibilidade da cultura".

Também aportamos os conceitos de "horizontalidades" (contiguidade) e "verticalidades" (pontos distantes ligados por processos sociais), de Milton Santos (1994), para uma compreensão espacial que complementa o mapeamento fluido de Bhabha das interações culturais em um mundo globalizado.

Em síntese, o *Ateliê de Antropologia Viva* opera como um laboratório vivo, guiado pelo conceito de "localização da cultura" de Bhabha. É um espaço dinâmico, performático e ambivalente, no qual subjetividades híbridas são forjadas, narrativas dominantes são questionadas e novas formas de agência cultural e política emergem da negociação de diferenças e da valorização de experiências vividas. A transição do colonialismo para as interculturalidades no *Ateliê de Antropologia Viva* e na Unilab constitui um processo dinâmico e desafiador. Ela exige constante autorreflexão, valorização de linguagens e saberes não eurocêntricos, compreensão das continuidades e rupturas históricas, análise crítica das relações de poder, reconhecimento e gestão da alteridade em um contexto de diáspora, enfrentamento do racismo e busca pela união e fortalecimento identitário — tudo isso guiado pelos princípios de uma educação libertadora e decolonial.

ATIVIDADES EM AÇÃO

A metodologia do *Ateliê de Antropologia Viva* foi estruturada para promover uma abordagem vivencial e colaborativa do conhecimento antropológico, com foco na performance e na expressão artística (Fabião, 2010; Schechner, 1985; Schechner, 2003).

O projeto iniciou com uma apresentação conduzida pela docente responsável e por estudantes convidados a participarem como voluntários, de modo a despertar o interesse da comunidade acadêmica e acolher aqueles que se identificassem com a proposta. A primeira chamada contou com o apoio dos estudantes de extensão Moniz Irineu Gomes (Antropologia), Calado Sanhá (Antropologia) e Jardel Augusto Manjami (Bacharelado em Humanidades), já experientes em práticas performáticas e interessados no desenvolvimento do projeto. Em seguida, a professora Peti Mama Gomes, então docente substituta da Unilab, integrou a equipe como colaboradora, auxiliando na mediação e na execução de dispositivos artísticos e vivenciais.

Os encontros quinzenais, realizados na unidade de Palmares, foram inicialmente planejados com leituras de etnografias de diferentes contextos (Brasil e países da CPLP), que

serviriam como apoio textual às primeiras experiências performáticas. Foram utilizados sites e vídeos para fornecer elementos inspiradores para o corpo cênico (Fabião, 2010). Ferramentas ligadas à consciência somática e atividades em círculo foram incorporadas para criar um espaço de confiança e sinergia (Rolnik, 2014). Os participantes foram estimulados a se envolver com conteúdo retirado de etnografias escolhidas (Glissant, 2011; Hampaté Bâ, 2003) e a ritualizá-las com objetos, adereços e falas, explorando a polissemia dos símbolos rituais (Bondía, 1999; Geertz, 1978).

Em etapa posterior, os participantes elaboraram roteiros a partir de suas próprias experiências culturais e os apresentaram ao grupo. Ao final de cada semestre, algumas dessas vivências ganharam forma mais estruturada em uma “Mostra de Performances”, evento de encerramento aberto à comunidade universitária da Unilab e a outros espaços. O ciclo reiniciava a cada semestre, com nova chamada e novo evento final.

Os estudantes voluntários desempenharam papel fundamental na organização e no planejamento das atividades, na seleção de conteúdos e na comunicação com os participantes. Também realizaram pesquisas de etnografias relevantes e auxiliaram na obtenção de materiais. Essa atuação revelou-se essencial para a formação de mediadores interculturais, articulando recursos teóricos e práticos de uma antropologia da experiência. Como elo entre os saberes individuais e coletivos, o estudante voluntário encarna a *Antropologia Viva*, um conhecimento que emerge da interação e da co-presença, tornando-se protagonista e facilitador da produção coletiva de significados.

A metodologia adotada favoreceu a interação dialógica e o protagonismo discente, princípios fundamentais da extensão universitária. A predominância de estudantes guineenses levou à readequação das práticas, de modo a contemplar seus interesses culturais, incluindo dinâmicas realizadas no chão e o uso de instrumentos e músicas de origem guineense. Essa adaptação reforçou o caráter educativo, cultural e científico do projeto, orientado para a transformação social por meio da valorização das especificidades culturais dos participantes.

Com vistas a fortalecer a dimensão intercultural do *Ateliê de Antropologia Viva*, buscou-se readequar os termos metodológicos e as práticas extensionistas, incorporando referências ligadas à pedagogia da nação, à reexistência, à experiência, ao devir, à

experimentação, à densidade de observação, bem como a procedimentos próprios criados a partir dos encontros.

O *Ateliê* transformou-se, assim, como espaço significativo de expressão artística e cultural, a partir de conteúdos escolhidos pelo grupo e das linguagens desenvolvidas em oficinas. Os participantes reconheceram a importância de sua ancestralidade e de suas terras de origem, ao mesmo tempo em que se sentiram capacitados a pensar e agir em prol de suas comunidades, enfrentando desafios e elaborando soluções a partir da experiência vivida. Tal proposta alinha-se ao objetivo maior da extensão universitária: promover uma interação transformadora entre universidade e sociedade, enriquecida pela troca de saberes e pela valorização das cosmovisões comunitárias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados do *Ateliê de Antropologia Viva* foram observados e registrados ao longo do ano de sua execução, refletindo a dinâmica e o impacto do projeto nas trajetórias dos estudantes e na comunidade.

Foi identificada uma demanda significativa por expressão linguística, cultural e artística entre os estudantes envolvidos. Dos quarenta e quatro participantes vinculados, a maioria participou ativamente dos encontros, contribuindo com conteúdo de suas localidades de origem e formas de expressão por meio da dança, música, gestos e sons. Os participantes puderam experimentar e refletir sobre aspectos de sua futura profissão a partir da interação com experiências de vida e trajetórias singulares, conectando-as às suas experiências culturais nas comunidades de origem. Houve, ainda, o reconhecimento da relevância da terra em que habitam como base e fonte de bem-estar, bem como de suas terras natais. O projeto também estimulou a valorização da ancestralidade e das marcas do presente que compõem cada individualidade e sua participação social (Fanon, 2008, 1979; Turner, 1957, 1982). Como resultado, os participantes demonstraram maior capacidade de construir seu pensamento e ação voltados à comunidade acadêmica, utilizando elementos vivos de suas próprias experiências.

Observou-se a predominância de estudantes guineenses entre os participantes, o que demandou readequação das metodologias e práticas pedagógicas para atender aos interesses do grupo, incluindo dinâmicas sentadas no chão e o uso de instrumentos e músicas de origem

guineense. Essa adaptação, inicialmente inesperada, reforçou a importância do *Ateliê* como espaço de expressão dos desafios enfrentados por esses estudantes na Unilab, dada sua maior distância cultural em relação ao ambiente universitário.

Contudo, a predominância guineense também representou um desafio ao caráter intercultural do projeto, que buscava envolver estudantes de diferentes nacionalidades e brasileiros. A ausência de alunos brasileiros e de outras nacionalidades permaneceu um obstáculo, apesar da divulgação intensa. Esse desafio revelou, entretanto, que o projeto atraía estudantes mais distantes do contexto acadêmico tradicional, proporcionando-lhes oportunidades de expressão simbólica e construção de linguagem acadêmica até então pouco exploradas em salas de aula formais.

Outra dificuldade identificada foi a falta de interesse dos estudantes em leituras de etnografias e conteúdos acadêmicos formais, percebidos como uma “tônica de grande pressão nas aulas formais”. Em resposta, esses encontros foram substituídos por reuniões de planejamento com um grupo mais engajado, responsável pelas leituras e tradução de conteúdo para atividades a serem realizadas com todo o grupo.

Na avaliação de impacto, a escuta e o registro das experiências e depoimentos ao final de cada encontro demonstraram que o projeto de extensão se configura como um espaço significativo para os envolvidos, abrangendo diversos setores da universidade. O projeto consolidou-se como espaço formativo aberto a experimentações, levando práticas e conhecimentos para a sociedade. A capacidade dos participantes de construir seu pensamento e ação voltados à comunidade, utilizando elementos vivos de suas experiências, sugere que soluções para problemas emergem diretamente da vivência desses jovens e adultos, estendendo-se como uma “teia” às suas comunidades de origem e destino, promovendo crescimento e desenvolvimento social e econômico.

O projeto buscou formar alunos como mediadores interculturais, conscientes dos recursos teóricos e práticos de uma antropologia da experiência. Os estudantes voluntários, ao vivenciar as performances do grupo, desempenharam papel crucial no planejamento e execução das atividades, aprimorando seu senso de engajamento e protagonismo. Dessa forma, o *Ateliê* transformou-se em um “estúdio de criação”, onde alunos e professores desenvolveram e executaram atividades de forma colaborativa. O planejamento e execução colaborativos foram

avaliados como resultados positivos, pois os estudantes se sentiram engajados pelos temas escolhidos, tornando-se protagonistas na construção do conhecimento.

Os encontros regulares facilitaram crescente abertura à expressão artística e performática, culminando em dois grandes eventos de encerramento, nos quais os participantes apresentaram suas performances publicamente. O projeto também incentivou momentos de reflexão, centrais para sua concepção, criando um espaço significativo para expressão artística com base nos interesses do grupo e nas linguagens ensinadas nas oficinas.

O *feedback* dos alunos foi extremamente positivo. Muitos expressaram surpresa e satisfação com sua capacidade de se engajar com os conteúdos, superando sentimentos iniciais de insegurança quanto às habilidades linguísticas. Relataram que as perguntas norteadoras facilitaram o acesso aos textos, incentivando-os a continuar participando e “perder o medo”. Observou-se, ainda, interesse considerável em dar continuidade ao projeto, evidenciando sua relevância e eficácia no cotidiano universitário.

Apesar de desafios, como o desinteresse inicial por leituras acadêmicas e a dificuldade em atrair estudantes não guineenses, o projeto adaptou-se, priorizando atividades vivenciais e linguagens artísticas adequadas ao perfil do corpo discente predominante. Interações futuras visam reintroduzir leituras acadêmicas mediante acordos prévios e ampliar a participação de estudantes internacionais, possivelmente por meio de espaços dedicados à arte, sem as restrições de configurações tradicionais de sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Ateliê de Antropologia Viva* demonstrou ser um espaço essencial de aprendizado e transformação dentro da Unilab, confirmando o papel da Antropologia como saber prático e mediador que fomenta diálogo intercultural e valoriza diversas formas de expressão e saberes ancestrais. Apesar das dificuldades enfrentadas – como o desafio de engajar os estudantes em leituras acadêmicas e a predominância de uma única nacionalidade – o *Ateliê* conseguiu criar ambiente onde experiências individuais e coletivas puderam ser expressas e ressignificadas.

Nesse sentido, o projeto opera no que Bhabha (1993) descreve como “terceiro espaço”, o entrelugar, *locus* de enunciação onde novas identidades culturais emergem e se negociam. A predominância de estudantes guineenses levou a adaptações metodológicas positivas, como

dinâmicas sentadas no chão e uso de instrumentos e músicas guineenses, exemplificando a “existência insurgente e intersticial da cultura”. Para esses estudantes, que frequentemente vivenciam maior “distância cultural” no ambiente universitário, o *Ateliê* tornou-se vital para expressar desafios de suas vidas jovens e adultas.

As metodologias e práticas pedagógicas mostraram-se eficientes, permitindo aos participantes experimentar performance e expressão cultural de forma vivencial (Schechner, 1985; Schechner, 2003). Isso se alinha à ideia de Fanon que afirma “o verdadeiro salto consiste em introduzir a invenção dentro da existência. No mundo em que me encaminho, eu me recrio continuamente” (Fanon, 2008, p. 189).

A fusão do “pedagógico e performativo” no *Ateliê* transforma a universidade de espaço de “saber-coisas” em ambiente onde experiência e troca de saberes são valorizadas, promovendo reflexão crítica e consciência ampliada. A proposta de Schechner (1994), de que “qualquer comportamento, evento, ação ou coisa pode ser estudado como performance”, ressoa com a flexibilidade do *Ateliê* em explorar diferentes formas de expressão e interação, revelando complexidade das interações humanas e “cura da história” por meio da narrativa.

A unicidade do *Ateliê* reside em operar como “laboratório de vida criativa”, voltado para a “fabricação do viver comum” e fortalecimento de forças criadoras do pensamento e das ideias por meio de interlocução grupal. Três eixos resumem suas qualidades principais:

1. O envolvimento dos integrantes destaca força integradora emocional e suporte proporcionado pelo grupo, garantindo frequência constante e desejo unânime de continuidade, cultivando atenção à delicadeza e escuta ao outro, conforme a pedagogia da autonomia de Paulo Freire (2011).
2. A ênfase nas linguagens artísticas e temáticas dos estudantes guineenses celebra a “diferença cultural como produção de identidades minoritárias”, em vez de homogeneização.
3. A ação de extensão se consolida como espaço formativo e aberto à experimentação, levando práticas e conhecimentos para a sociedade, promovendo interação transformadora entre universidade e comunidade, contribuindo para desenvolvimento social, cultural e econômico.

O *Ateliê* não é apenas projeto de extensão, mas laboratório de vida e conhecimento, onde a Unilab cumpre papel de agente de transformação social, cultivando mediadores culturais e fortalecendo laços comunitários por meio do reconhecimento da diversidade de experiências e saberes. A trajetória dos estudantes, ao conectarem-se com suas raízes e projetarem seus futuros, reflete a potência do projeto em tecer rede de crescimento e desenvolvimento para além dos muros universitários.

Para futuras edições, é essencial buscar estratégias que diversifiquem a participação de estudantes, ampliando interculturalidade e encontros entre culturas, línguas e contextos de origem. A experiência sugere flexibilidade metodológica, priorizando abordagens vivenciais e integrando conhecimento acadêmico de forma orgânica. A localização das atividades deve garantir acessibilidade e participação ampla.

NOTAS

¹.Reconhece-se que não existe a certeza do lúdico, mas a possibilidade de sua expressão, que varia de pessoa para pessoa. Podemos ter a intencionalidade de favorecer tal expressão e adotar estratégias que potencializem esse processo, respeitando as variações de sua natureza sensível e racional.

REFERÊNCIAS

- ABIPINTÉ, A. **Principais rituais de etnia Pepel**: Fanadu e casamento. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado em Antropologia, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab, 2019.
- ABRANTES, C. S. A. **Os futuros portugueses**: um estudo antropológico sobre a formação de especialistas coloniais para Angola (1950-1960). 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2022.
- ABRANTES, C. S. A. Reunidos na universidade: projetos nacionais, alteridade e as mediações da antropologia. **Etnográfica**, v. 27, n. 1, p. 117–136, fev. 2023.
- ABRANTES, C. S.; MOREIRA, G. O.; OLIVEIRA, C. Z. Interculturalidades em três instituições do Ensino Superior: contextos diversificados; mediações necessárias. In: SOBREIRA, Rui; MARQUES, Graça (Orgs.). **Identidades e Globalização**: Encontros, Fronteiras e Mediações. Aveiro: UA Editora – Universidade de Aveiro, 2024. p. 78-115.
- BÂ, A. H. A. **O menino fula**. São Paulo: Palas Athena, 2003.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. London: Routledge, 1993.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20–28, jan./abr. 2002.
- FABIÃO, E. Corpo cênico, Estado cênico. **Revista Contrapontos**, v. 10, n. 3, p. 321-326, 2010.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.
- FANON, F. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GLISSANT, É. **Poética da Relação**. Porto: Porto Editora, 2011.
- GOMES, P. M.; ABRANTES, C. S. A. Fronteiras de gênero em Guiné-Bissau: por uma antropologia endógena e ativa. **Revista de Ciências Sociais**, v. 55, n. 1, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.36517/rsc.v55i1.71401>. Acesso em: 07/09/2025.
- GOODY, J. **O roubo da história**: como os europeus se apropriaram das ideias e invenções do Oriente. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

INFAN, O. D. **Relações de gênero das Balanta Kuntói na secção de Ingoré em Guiné-Bissau:** um relato de experiência de mulheres (2018-2024). Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado em Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab, 2024.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

SANHA, C. **Identidade étnica e estigma em Guiné-Bissau:** o caso dos Balantas. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado em Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab, 2023.

SANHA, C. **Os povos guineenses no ensino nacional:** uma leitura antropológica a partir de materiais didáticos do 7º a 9º ano. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado em Antropologia, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab, 2024.

SANTOS, M. (Org.). **Território, globalização e fragmentação.** São Paulo: Hucitec, 1994.

SCHECHNER, R. **Between theater and anthropology.** Philadelphia: The University of Pennsylvania Press, 1985.

SCHECHNER, R. O que é performance? **Revista de Teatro, Crítica e Estética**, ano LI, n. 12, p. 25, 2003.

SOUZA LIMA, A. C. **Um Grande Cerco de Paz: Poder Tutelar, Indianidade e Formação do Estado no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1995.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STEINER, R. **Os pontos centrais da questão social:** aspectos econômicos, político-jurídicos e espirituais da vida em sociedade. São Paulo: Antroposófica, 2011.

STEINER, R. **Human values in education:** 10 lectures in Arnheim, Holland, July 17–24, 1924. Great Barrington, MA: SteinerBooks, 2004.

STEINER, R. **The science of knowing:** outline of an epistemology implicit in the Goethean world view with particular reference to Schiller. Translated by William Lindeman. Spring Valley, New York: Mercury Press, 1988.

STOLER, A. L. **Along the archival grain:** epistemic anxieties and colonial common sense. Princeton; Oxford: Princeton University Press, 2009.

STOLER, A. L. Colonial aphasia: race and disabled histories in France. **Public Culture**, 2011.

TURNER, V. **Schism and continuity in an African society:** a study of Ndembu village life. Manchester: Manchester University Press, 1957.

TURNER, V. *From ritual to theatre*. New York: PAJ Publications, 1982.